



MARCHA MUNDIAL DAS MULHERES

BOLETIM DE ENLACE

Volume 15 – Número 2 – Julho 2013

Editorial

A pouco menos de dois meses do nosso 9º Encontro Internacional, a realidade nos mostra a urgência de fazer uma reflexão sobre nosso caminho: o que já realizamos, como e o que conquistamos, o que aprendemos, quais os atuais desafios e, diante disso, que mudanças devemos fazer. Enquanto terminávamos esse boletim, testemunhamos dois grandes levantes populares, primeiro na Turquia e depois no Brasil. Por toda a Europa, como em Portugal, os protestos continuam contra os pacotes que impõe políticas a favor dos mercados, que acarretam mais exploração e pobreza dos povos e que tentam tirar a possibilidade das mulheres terem autonomia sobre seus corpos.

Ao mesmo tempo em que nossas lutas são ouvidas e ganham presença nas ruas, vemos também, nesses processos a expressão do conservadorismo, neonazista, fascista ou fundamentalista, que se revela fortemente através do machismo, da homofobia e da violência.

Mais do que nunca, é necessário fazer o que defendemos desde o início do nosso movimento: ocupar as ruas, dialogar com o sentimento da sociedade que reivindica mudanças e participação política efetiva nas decisões que determinam nossas vidas e, definitivamente, radicalizar a democracia. Na Tunísia, por exemplo, depois do Fórum Social Mundial (FSM), os movimentos progressistas continuam nas ruas para não deixá-las liberadas para o fundamentalismo. Trabalhamos, ao mesmo tempo, em aliança com outros movimentos sociais como o Alter Summit, realizado na Grécia, nas articulações entre movimentos sociais (seja no FSM, seja na Alba – Aliança Bolivariana para os Povos da Nossa América), além da nossa construção com a Via Campesina.

Nas vésperas do Encontro que vai decidir também sobre nossa Quarta Ação Internacional e sobre a transição do Secretariado Internacional, é pertinente fazer um balanço sobre como garantir a permanência e a coerência do nosso movimento. O caminho que percorremos até agora nos mostra como é acertada a aposta que fizemos na formação, na renovação de lideranças e, principalmente, na construção coletiva.

INTERNATIONAL

Feminismo em marcha para mudar o mundo! Avançam os preparativos do 9º Encontro Internacional!

Os debates sobre o contexto social, econômico e político mundial, a preparação de uma proposta rumo à 4ª Ação Internacional da Marcha Mundial das Mulheres (MMM) e o processo de transição no nosso Secretariado Internacional (SI) estão entre os principais pontos debatidos na recente reunião do Comitê Internacional

(CI), ocorrida entre 23 e 26 de maio, em Maputo, Moçambique. Todos esses temas são preparatórios do 9º

Encontro Internacional (EI), que acontecerá

em agosto, no Brasil, sob o slogan “Feminismo em marcha para mudar o mundo!”. Documentos referentes a cada ponto estão em preparação e em breve serão enviados para as Coordenações Nacionais (CN) da MMM para debate prévio.

Além de compartilhar informação sobre a preparação logística, política e a mobilização em diferentes regiões, as integrantes do CI – provenientes de Bangladesh, Brasil, Filipinas, Guatemala, Mali, Moçambique, Portugal, Quebec, Tunísia e Turquia – debateram também sobre a formação política que será realizada durante o encontro e que contará com um conjunto de participantes internacionais, regionais e nacionais.



Integrantes do CI durante o seminário organizado pelo Fórum Mulher, que coordena a MMM em Moçambique



Logo depois da reunião, o CI da Marcha participou, nos dias 27 e 28 de maio, do seminário público organizado pelo Fórum Mulher, com o tema "Juntas, construindo alternativas feministas para os direitos humanos das mulheres", ao lado de militantes da MMM em Moçambique e outras organizações feministas e de mulheres (ver artigo específico mais adiante).

Mobilização

A estimativa feita pela MMM no Brasil é de que um total de 1.400 mulheres vão participar em diferentes atividades de formação que acontecerão de forma simultânea ao encontro e incluem painéis, grupos de trabalho, oficinas práticas diversas (por exemplo, sobre

batucada), mostra de economia solidária, eventos artísticos e culturais e uma grande manifestação no dia 31 de agosto. No que se refere à participação internacional, é esperada a presença de 150 mulheres no encontro, entre delegadas, convidadas e observadoras regionais, provenientes de 40 países.

Pedimos às CNS que enviem ao email communication@marchemondiale.org suas fotos, vídeos e outras notícias da mobilização para o encontro para que possamos ir divulgando no nosso site.

Para baixar o cartaz do 9º Encontro Internacional em alta resolução, clique em <http://www.sendspace.com/file/jziesen>

Galeria de fotos da mobilização no Brasil

Os comitês da MMM nos diversos estados do Brasil preparam suas delegações para participar das atividades de formação que ocorrerão durante o 9º Encontro Internacional. Siga a mobilização no Brasil no link: www.sof.org.br



Rio Grande do Norte



São Paulo



Amazonas



Minas Gerais



Santa Catarina e Rio Grande do Sul



Ceará



Campinas



Ao mesmo tempo em que realiza debates de preparação ao encontro, a MMM no Brasil continua nas ruas, presente em todas as mobilizações que explodiram em junho, exigindo serviços públicos de transporte, saúde e educação de qualidade e denunciando os projetos de lei que tentam restringir a autonomia sobre os corpos das mulheres, como o Estatuto do Nascituro – que tenta dar direitos aos fetos, com o oferecimento de uma bolsa às mulheres vítimas de estupro – e a “Cura Gay”, que tenta suspender a proibição de fazer da homossexualidade objeto de cura e tratamento, o que não é permitido pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e todos seus signatários, inclusive o Brasil.

ÁFRICA

Moçambique: MMM debate perspectivas para a luta das mulheres e alternativas feministas

O Comitê Internacional da MMM participou no debate organizado durante os dias 27 e 28 de maio, em razão dos 20 anos do Fórum Mulher, que coordena a MMM em Moçambique. Com o tema “Juntas, construindo alternativas feministas a favor dos direitos das mulheres”, o seminário reuniu mais de 500 mulheres,

vindas de todas as províncias do país e das diferentes organizações que integram o fórum. Dança, música, teatro e muita poesia fizeram parte da programação que, a partir do histórico de lutas das mulheres em Moçambique, na África e no mundo, esteve centrada em pensar estratégias para o futuro.

O seminário incidiu também na jornada de luta pela saúde da mulher (28 de maio). Sobre isso, as companheiras de Moçambique ressaltaram que os índices de violência contra as mulheres continuam altos e que elas não podem ser culpabilizadas pela violência que sofrem. Elas destacaram a necessidade de descriminalizar o aborto no país, responsável por um alto número de mortes de mulheres, e de ampliar o conceito de saúde em direção a uma visão mais completa, que vá além da maternidade e que entenda a idéia de direito sexual como uma necessidade para o bem-estar das mulheres.

Foi identificado que são necessárias campanhas de educação não-sexista nas escolas para desnaturalizar a idéia de que os homens tenham mais necessidades sexuais que as mulheres, também é necessário questionar os ritos tradicionais de iniciação que, frequentemente, pressupõe violência contra as mulheres. Foi denunciado, finalmente, como as campanhas de publicidade sexistas impõem um modelo único de corpo para as mulheres e afetam sua saúde (por exemplo, com o aumento de casos de transtornos alimentares como a anorexia e a bulimia).

No intercâmbio com as participantes internacionais sobre como fortalecer as alianças entre mulheres do

Sul e entre o Sul e o Norte, se identificou que a violência contra a mulher existe em todo o mundo e tem a ver com um sistema de opressão, capitalista, patriarcal, racista, que explora não somente às mulheres, mas também à natureza, e que ataca os serviços públicos e os direitos conquistados depois de

anos de mobilização. Isso exige que trabalhem ao redor de lutas que nos unam a todas, contra a exploração e a discriminação.

Se olharmos o cenário mundial e as alternativas que o capitalismo propõe para se salvar de sua crise, identificamos o avanço do neocolonialismo, que busca não somente as riquezas dos nossos territórios, mas também um mercado consumidor para seus produtos. Assim, a luta contra os agentes do neocolonialismo – como as empresas mineradoras – se converte em um eixo comum entre os movimentos sociais de diferentes países, especialmente os do Sul geopolítico.

O corpo das mulheres como território em disputa é outro eixo de luta comum. As jovens mulheres de Moçambique vêm sua autonomia e seu acesso à educação restringido pelos estúpos que ameaçam as estudantes, especialmente à noite. Assim, viver uma vida sem violência, poder estar nos espaços públicos sem preocupação e se vestir

livremente são demandas muito concretas para as moçambicanas. Foi relatado como no país, por exemplo, elas lutam para acabar com a proibição de serem atendidas pelo serviço de saúde se vestem camisas de manga curta: “não podem nos impedir o exercício de um direito”.

Enfatizou-se a importância de acumular forças e de estabelecer alianças com outros movimentos sociais que também trabalham por transformar o sistema, o que permite seguir construindo um sujeito plural onde todas e todos trazem experiência, vida, idéias. E a



partir disso construímos lutas pacíficas, em que ocupamos as ruas de maneira criativa, com nossos símbolos e nos fazemos ouvir pelas empresas transnacionais, pelas autoridades e pela sociedade em geral.

As jovens destacaram que na construção do movimento e para fortalecer nossas lutas, é necessário o diálogo constante com as ativistas que tenham maior experiência e formação feminista, no que diz respeito

AMÉRICAS

A MMM mobiliza solidariedade internacional por justiça e memória

Em abril e maio, nossos olhares se voltaram para a Guatemala, onde o ex-chefe de Estado durante a ditadura militar, Efraín Ríos Montt, foi julgado e condenado a 80 anos de prisão pelo genocídio do povo Ixil. Guatemala é o primeiro país que litiga os casos de genocídio em plano nacional, o que representa um avanço na luta contra a impunidade e pela recuperação da memória histórica que pode ter efeitos importantes no mundo e em vários países da América Latina onde ainda não foi feita justiça contra militares genocidas.

Entre os diferentes testemunhos ouvidos durante o julgamento, estão os de mais de 10 mulheres ixiles, vítimas de violações sexuais sistemáticas e massivas praticadas pelo Exército que mostraram como esses atos tinha o propósito de causar danos irreparáveis em seus corpos e em suas vidas. Seus relatos informaram sobre como a violação sexual era uma prática premeditada, sistemática, generalizada e que tinha como finalidade destruir e lesionar gravemente as mulheres ixiles como grupo específico. Além de escravidão sexual, as mulheres testemunharam que eram obrigadas a cozinhar para os mesmos soldados e que muitas famílias foram desalojadas com a queimada de suas casas e cultivos ou com a destruição de bens por parte do Exército. “Digo isso para que não volte a acontecer com nós mulheres” (clique [no blog http://paraqueseconozca.blogspot.com/](http://paraqueseconozca.blogspot.com/) para ler relatórios desses testemunhos e o documento da sentença).

O Sector de las Mujeres, que coordena a MMM no país, acompanhou todo o processo, que foi marcado por várias tentativas de anulação, por perseguições do setor militar e conservador aos defensores de direitos humanos, imputando a eles crimes que não haviam cometido, acusando às companheiras em redes sociais como forma de desqualificá-las publicamente e marcá-las como ameaça. O julgamento é uma vitória para

ao que vivemos concretamente como mulheres e com a consciência do que não começamos do zero, temos que nos conectar com nossa memória histórica.

Para terminar, temos que afirmar as alternativas que propomos, desde o feminismo, para mudar a sociedade, seguindo os princípios de igualdade e harmonia com a natureza, em que também é necessário que a cultura mude.



todas as pessoas na Guatemala que lutam para resgatar a memória como parte dos acordos de paz e que ainda reivindicam o direito do povo aos seus territórios e modos de vida. A Corte de Constitucionalidade, alegando problemas na forma do processo legal, anulou a sentença. As comunidades e as organizações hoje seguem argumentando que o genocídio já foi julgado e que Ríos Montt já foi condenado e qualquer outra coisa

será produto do jogo sujo do poder dos que querem, por todos os meios, manter sua impunidade. No dia 22 de junho, em caravana, chegaram ao território dos povos ixiles para entregar simbolicamente às autoridades ancestrais dos três povos que compõe a sentença e comemoraram conjuntamente a Dignidade

do Povo Ixil e o reconhecimento a mulheres e homens que, com a força da verdade, romperam o silêncio e conseguiram essa vitória para os povos do mundo.

Honduras - Em junho, outra importante vitória da solidariedade internacional foi a intensa mobilização que levou à anulação do expediente legal e à libertação imediata e definitiva de Bertha Cáceres, coordenadora geral do COPINH - Conselho Cívico de Organizações Populares e Indígenas de Honduras. Ela havia sido presa pelo Exército de maneira arbitrária em 24 de maio, enquanto se dirigia às manifestações de rejeição e oposição ao Proyecto Hidroeléctrico Agua Zarca, na região de Río Blanco, Intibucá, em um exemplo claro da estratégia de repressão e criminalização das lutas populares que crescem em Honduras desde o golpe de 2009.

Durante a audiência de 13 de junho, esteve claro que não se tratava de outra coisa que não perseguição à lutadora, quem, em muitas ocasiões, denunciou ameaças contra ela e contra sua organização. Para mais informação sobre esse caso, veja o artigo de Radio Mundo Real: <http://www.radiomundoreal.fm/6732-lobo-suelto?lang=es>

EUROPA

Mulheres na ofensiva contra o neoliberalismo e o conservadorismo

Nos dias 7 e 8 de junho, em Atenas, Grécia, a MMM participou em uma importante cúpula alternativa com o slogan "Acabar com a austeridade antes que a austeridade destrua a democracia. Por uma Europa social, ecológica, democrática e feminista". Seu principal objetivo: aprofundar a coordenação do trabalho entre movimentos sociais e sindicatos da Europa frente aos avanços das políticas austeritárias (= austeras e autoritárias) da 'troika' (o Fundo Monetário Internacional, o Banco Central Europeu e a Comissão Européia) e encontrar reivindicações e formas de ação em comum. O "Alter Summit" começou com uma assembléia feminista que reuniu centenas de pessoas. . Ver vídeo em: https://www.youtube.com/watch?feature=player_embedded&v=nqDQ_Zh1Dc



Nascido com o espírito do Fórum Social Europeu, o objetivo do Alter Summit é fortalecer as mobilizações que crescem em países como o Estado Espanhol, França, Grécia e Portugal, para pressionar para que tais políticas sejam reorientadas com base na igualdade, nos bens comuns sociais e ecológicos. O Alter Summit funciona como uma rede de 189 organizações da sociedade civil onde não participam partidos políticos como tais, mas eles podem apoiar e onde se busca o apoio de personalidades políticas que compartilham a luta contra as políticas neoliberais. Durante o encontro de Atenas, foi aprovado o manifesto dos povos como documento político comum. Esse processo não terminou, o objetivo é continuar aprofundando posições e ações comuns. Foram marcadas várias datas para ações setoriais em nível europeu e ações

antiausteridade coordenadas. Os seguintes passos serão dados em reuniões de muitas organizações que estão construindo o processo. Saiba mais em: <http://www.altersummit.eu/communiques/article/for-the-cradle-of-democracy-is-not?lang=en>

O encontro foi realizado no complexo olímpico do centro de Atenas, mais um exemplo de uma estrutura que tem pouca utilidade depois de um megaevento, enquanto as mulheres gregas tem que pagar 800 euros por um parto ou são criminalizadas se escolhem ter a crianças em suas casas (ver mais em: <http://diki79.blogspot.gr/2013/05/the-crime-of-giving-birth.html> e

aqui: http://www.avaaz.org/en/petition/Stop_the_coordinated_attack_on_home_birth_in_greece/?fPsEybb&pv=1

Para saber mais sobre o Alter Summit, clique em <http://www.altersummit.eu/alter-sommet/article/what-is-the-alter-summit>

A Troika avança sobre os serviços públicos de rádio e televisão gregos

Depois da reunião do Alter Summit, o povo grego enfrentou, outra vez, um exemplo concreto de política austeritária. No dia 10 de junho, o Ministro de Finanças, sem ter realizado nenhum tipo de debate democrático, anunciou o fechamento de todos os serviços de rádio e televisão da empresa de comunicação pública ERT e a demissão imediata de seus mais de 2.800 trabalhadoras/es.

A reação veio em seguida: milhares de cidadãos/os se juntaram aos trabalhadores da empresa e ao seu sindicato (POSPERT), as centrais sindicais do país chamaram uma greve geral e os movimentos sociais e centrais sindicais de toda a Europa reagiram a esse novo ataque contra os povos. Desde o anúncio, as e os trabalhadores de ERT tentam se manter em seus postos de trabalho e operam um canal de TV na internet, enquanto exigem que a decisão do Ministro de Finanças seja revogada pelo Primeiro Ministro, Antonio Samaras.

Nós da MMM nos juntamos em solidariedade internacional com o povo que luta na Grécia e denunciamos que as mulheres e povos não pagaremos por uma crise que não é nossa!

Jovens preparam seu Terceiro Acampamento Feminista

Pelo terceiro ano consecutivo, a MMM na Europa prepara o Acampamento de Jovens Feministas. Esse ano, o encontro ocorrerá em Vieira do Minho, Portugal, entre os dias 4 e 12 de agosto. Mesmo tendo suas solicitações de recursos negadas, as jovens decidiram continuar com a organização do acampamento e lançar uma campanha de arrecadação de recursos para sua realização. Clique em <http://www.indiegogo.com/projects/european-young-feminists-camp> para acessar todas as informações sobre a campanha. Participe e ajude a difundi-la!

Portugal: crise é utilizada para retroceder conquistas das mulheres

Em Portugal, com as políticas austeritárias, as conquistas das lutas das mulheres, recentes e ainda frágeis, estão já a sofrer recuos enormes e difíceis de recuperar. Antes da crise, as mulheres continuavam sub-representadas no mercado de trabalho, muitas trabalhavam em tempo parcial ou noutras formas de subemprego. Seus salários eram 18% inferiores ao dos homens e a taxa de risco de pobreza e exclusão social era maior entre as mulheres.

Hoje, há um número crescente que estão excluídas da protecção social, reduziram-se os apoios às famílias e às crianças, congelou-se o salário mínimo, rompeu-se a protecção na velhice e no desemprego, e torna-se mais duro este cenário a cada dia.



Destrói-se a educação - onde o investimento em Portugal é um dos mais baixos da União Europeia, docentes são despedidos, aumentam o número de alunos e alunas por turma e há um desinvestimento global e acentuado no sector. Note-se que o acesso à educação foi um factor fundamental ao percurso emancipatório das mulheres verificado nas ultimas décadas e o sistema de ensino tem um forte peso de emprego feminino.

Destrói-se a saúde: fecham-se serviços, como a maior maternidade do país, concentram-se a atenção em situações de urgências, criam-se taxas, racionam-se tratamentos e remédios. Corta-se no planeamento familiar, no apoio à gravidez e à maternidade, na interrupção voluntária da gravidez, na prevenção de infecções sexualmente transmissíveis. E assim se ameaça a autonomia das mulheres.

Resistimos, inventamos, vamos para a rua, tornamo-nos especialistas em gerir um orçamento vazio, denunciamos. Construimos solidariedade. Dizem-nos para voltar a casa e nós respondemos: Queremos vidas decentes, democracia em todos os aspectos das nossas vidas e não pararemos até

termos a nossa vida nas nossas mãos. E, claro, não pagaremos a vossa crise! Basta!

Apelamos à subscrição do protesto feminista anti-austeritário. Texto disponível em:

<http://marchamundialdasmulheres.blogspot.pt/2012/03/protesto-feminista-austeridade-agrava.html>

E a subscrição aqui:

<https://docs.google.com/spreadsheet/viewform?fromEmail=true&formkey=dC1CYW1MU1Y4QlKSDJ2WjFMbzljVGc6MQ>

Turquia: Mobilizações questionam capitalismo e limites à liberdade e democracia

No começo de junho, a decisão do governo turco de transformar parte de um parque da cidade em shopping em estilo de réplica de uma caserna militar otomana desencadeou um amplo movimento em todo o país, o qual passou a questionar a ofensiva conservadora desse governo. As mulheres estiveram presentes com forte protagonismo em todo o processo: mães e professoras foram as primeiras a insurgir-se contra a apropriação para fins comerciais do parque Gezi, próximo da Praça Taksim, em Istambul. A elas juntaram-se muitas outras pessoas, na maior parte jovens, que ocuparam o parque com suas barracas em protesto contra esse processo. Teatros, estações de trens, salas de cinema e outros edifícios históricos já haviam passado pelo mesmo processo de apropriação em outras partes do país.

A reação violenta da polícia - que queimou as barracas e usou gás lacrimogênio contra os manifestantes - atraiu a solidariedade de um número crescente de pessoas, que a cada noite, depois de chegarem do trabalho, saíam para manifestar-se nas ruas. Os



protestos alastraram-se por diferentes cidades do país, abrangendo mais de 70 cidades

A Praça Taksim é o espaço simbólico das lutas do 1º de maio, mas neste ano as manifestações aí foram proibidas. O mesmo passou-se nas praças centrais de outras cidades e houve confrontos entre as forças policiais e a oposição no 1º de maio. O governo turco persegue as organizações não governamentais, seja impedindo o acesso a recursos para projetos, seja com a proibição de organizar concertos ou atos de

solidariedade sem autorização do Ministério do Interior.



As mulheres e os jovens rebelam-se também contra o controle de seus corpos e de suas vidas, expresso em mecanismos como a introdução do ensino religioso nas escolas públicas com a obrigatoriedade das meninas cobrirem a cabeça; a restrição de acesso ao aborto em hospitais públicos e sua proibição também nas clínicas privadas; a limitação do consumo de álcool, que impede, por exemplo que haja bebida nas festas de casamento.

Tais medidas ampliaram significativamente o descontentamento com o governo. Sua reação, com ainda mais violência, também contribuiu para aumentar as mobilizações, às quais se juntaram artistas, intelectuais e clubes de torcedores de futebol.

A resistência continua

Enquanto o governo tenta sufocar a rebelião, utilizando todos os meios disponíveis, incluindo a caça às bruxas, com detenções massivas e recorrendo a armas químicas contra as pessoas, as e os resistentes inventaram novas formas de ações não violentas como “pessoas em pé”, alguém que para em silêncio, sem palavras, em qualquer espaço público, por exemplo, onde um manifestante foi morto, numa praça ou no Palácio da Justiça de onde a polícia retirou advogados à força. Os parques disponíveis, incluindo os menores, sediam fóruns noturnos até à meia noite, onde cada um tem direito de falar durante 2 minutos e onde vários temas são debatidos, desde o controle das eleições, o

questionamento da cultura do consumismo, a violência contra as mulheres até à medicina alternativa. Isso põe em relevo a importância e a urgência de nossas alternativas feministas, pois as pessoas começam a procurar alternativas de vida no nível local. A reação popular ecoa nossas lutas contra o sistema, mas ao mesmo tempo o sexismo a homofobia também aparecem. Isso requer um forte trabalho de sensibilização que já começou: por exemplo, os torcedores de futebol realizaram oficinas sobre linguagem não sexista nos fóruns dos parques. Como as e os resistentes cantam: “É só o início, a luta continua”.



Parada del Orgullo LGBT

Apesar da repressão neo-conservadora do primeiro-ministro Recep Tayyip Erdogan, Taksim foi palco da mais poderosa Parada do Orgulho LGBT, que reuniu 50.000 pessoas no dia 30 de junho em Istambul. Essa foi a maior desde que o evento iniciou-se há cerca de uma década. As e os manifestantes cantaram diversos slogans como: “À vida, apesar do fascismo!”, “O mundo gira somente se os gays forem livres”, “Levantar a mão contra o fascismo!” “Amor, amor, liberdade: para trás a animosidade!” “Na escola, nos escritórios e no Parlamento: os gays são omnipresentes”, “Gostem ou não os gays estão em todas as partes”.

Ver video da parada em: <http://vimeo.com/69478597>

ORIENTE MÉDIO-MUNDO ÁRABE

Conferência de Mulheres define um dia internacional de ação contra assassinatos políticos



A MMM esteve presente na Conferência de Mulheres do Oriente Médio, realizada em Diyarbakir, Kurdistan, entre

31 de maio e 2 de junho. Participaram do evento cerca de 250 mulheres de 26 países, incluindo Palestina e Tunísia.

Descrevendo esta Conferência como um novo começo, as mulheres reconheceram que o Oriente Médio está passando por um momento de mudanças históricas, que representam tanto riscos como oportunidades para as mulheres. Assim, a Conferência serve para a

participação ativa das mulheres neste processo histórico, razão pela qual o evento elaborou um acordo sobre a criação de uma rede de comunicação que inclui todas as participantes e optou por uma instância de coordenação. A Conferência decidiu

declarar o dia 9 de janeiro como dia de ação contra os assassinatos

políticos. Nesta data recorda-se o assassinato em Paris, França, de três mulheres ativistas curdas, Sakine Cansız, Fidan Doğan y Leyla Şaylemez, no começo de 2013. (clique para [ler mais](#)).



ALIANÇAS E MOBILIZAÇÕES

MMM presente na Assembléia de Mulheres da Via Campesina

Mais de 300 camponesas participaram, nos dias 6 e 7 de junho, da Assembléia de Mulheres da Via Campesina, que ocorreu durante a VI Conferência Internacional do movimento em Jacarta, Indonésia. Jean Enriquez, integrante do Comitê Internacional da MMM para a região Ásia-Oceânia, esteve no encontro representando a Marcha, e denunciou a violência como ferramenta estrutural do capitalismo, do colonialismo e do patriarcado.

A Assembléia prestou uma homenagem a Maria do Fetal Almeida, intérprete portuguesa da Via Campesina assassinada por seu companheiro no início de 2013 e reforçou o compromisso das camponesas com a luta para erradicar a violência contra as mulheres no campo e na cidade. Os debates de conjuntura centraram-se na crise, no capitalismo e no fortalecimento do patriarcado nesse cenário e como isso afeta as mulheres. Sob o slogan “Plantadoras de luta e de esperança, pelo feminismo e pela soberania alimentar” as camponesas debateram suas lutas, desafios e aspirações.



Os debates destacaram ainda temas tais como os acordos de livre comércio, os impactos das mudanças climáticas sobre a agricultura e a vida das e dos camponeses, a defesa dos bens comuns e da natureza e o papel estratégico do campesinato em impulsionar valores comunitários e a soberania alimentar.

As camponesas concluíram a sua assembléia com uma reflexão sobre o processo político de auto-organização, a Campanha Basta de Violência contra as Mulheres e com a elaboração de um amplo plano de ação por continentes, com datas de lutas comuns, assim como momentos de



formação, comunicação e intercâmbio. Depois disso, dirigiram-se para a VI Conferência Internacional da Via Campesina, que ocorreu entre 9 e 13 de junho.

Clique para ver os vídeos da [Assembléia das Mulheres](#), e para ver [fotos da Assembléia](#).

Clique para ler o [Chamado de Yakarta](#), declaração final da VI Conferência da Via Campesina.

Nossa presença no FSM 2013, Tunísia: um breve balanço

O Fórum Social Mundial (FSM) 2013 teve lugar em Túnes, capital da Tunísia, entre 26 e 30 de março. Estima-se a participação de mais de 50.000 pessoas de 127 países, mas a maioria de pessoas do país, muitas e muitos jovens. As organizações sociais da Tunísia prepararam este fórum sem diminuir sua presença nas ruas, nas greves e na resistência aos ataques contra as mulheres e contra a organização sindical UGTT (União Geral Tunisiana do Trabalho). A escalada de violência culminou com o assassinato de Chokri Belaid, líder de esquerda do país, pouco mais de um mês antes do FSM, fato que marcou a agenda do evento e vários momentos das manifestações de rua. O FSM conseguiu inserir-se no processo de lutas em curso no país, o que renovou o sentido político do próprio Fórum.

Com o apoio da Coordenação Nacional da MMM na Tunísia, integrada por muitas jovens mulheres e de militantes da MMM vindas de diferentes países (Argélia, Argentina, Bolívia, Brasil, Catalunha, Filipinas, França, Palestina, Suíça, Sahara Ocidental, África do Sul e Turquia), conseguimos garantir uma presença significativa da MMM nas principais atividades durante o evento: a Assembléia de Mulheres e a grande marcha que inaugurou o Fórum no dia 26 de março, a Assembléia dos Movimentos Sociais no 29 de março e a marcha de solidariedade com a Palestina no 30 de março, que marcou o encerramento do evento.

Além disso, organizamos atividades autogestionadas que constituíram momentos fundamentais para debater a construção de um movimento feminista e anticapitalista e nossas alternativas anti-sistêmicas com

as mulheres da Tunísia e com as dos movimentos e organizações aliadas, como CADTM, E-changer, GGJ (Aliança Popular por Justiça Global) e Via Campesina.

Souad Mahmoud, tunisiana e integrante do Comitê Internacional da MMM para a região árabe, disse-nos que a presença das ativistas da MMM em todo o mundo, fortaleceu nas militantes do seu país o sentimento de

pertencimento a um movimento internacional feminista, anticapitalista e antipatriarcal. Enfatizou a necessidade de enraizar ainda mais a CN em nível nacional e captar o interesse de mais mulheres tunisianas para a MMM e seus estatutos. Souad relata também que, depois do FSM, há uma melhor compreensão por parte dos movimentos sociais mistos sobre o que é a MMM e sobre as ações

que realizamos de forma independente.

Porém, talvez o resultado mais significativo para nós do FSM foi a retomada do espaço público pelo povo: “Revivemos o que era a República da Tunísia antes dos fundamentalistas tomarem o poder (nas eleições de 23/10/2011); antes vivíamos em angústia e o FSM foi uma recarga de oxigênio. Agora estamos nas ruas de novo, fazemos feiras de livros até tarde, sabemos que há que ocupar os espaços sem medo para não deixá-los aos fundamentalistas. Aprendemos ainda as coisas práticas como realizar marchas lentas, com mensagens claras e com nossos símbolos visíveis. E finalmente, a importância de receber e mostrar nossa solidariedade internacional para com as lutas das mulheres e dos povos de outras partes do mundo, como foi o caso do recente julgamento de Ríos Montt na Guatemala”.



Marcha de inauguração, el 26 de marzo



Atividade “A construção de um movimento feminista e anticapitalista”



Assembléia de Mulheres



Delegações da MMM e GGJ na marcha de solidariedade à Palestina, que marcou o encerramento do evento, no 30 de março

Na discussão da CI de Maputo, ficou claro que há duas esferas, a da dinâmica interna do FSM e a outra, do que significa o evento para quem participa dele, que se converte em espaço valioso para o intercâmbio e a formação. No plano simbólico, o FSM recorda-nos que fazemos parte de algo maior e isso é o mais importante quando estamos sob ataque. Constatou-se que para o

futuro, devemos seguir com a presença da MMM nos fóruns e eventos temáticos, regionais e internacionais, mas sempre priorizando nossa participação na Assembléia dos Movimentos Sociais. Também há que avaliar quanta energia colocar nas instâncias do processo FSM (Conselho Internacional, comissões e grupos de trabalho).

Assembléia de Movimentos Sociais

A AMS foi registrada no programa do FSM com o apoio de 35 organizações. Realizou-se com a participação de um público de cerca de 1.000 pessoas, com grande participação de tunisianas e tunisianos. A MMM assegurou a presença de dirigentes da confederação sindical, UGTT, abrindo a Assembléia com uma saudação de boas vindas. Ahlem Belhadj, da ATDF, representando a MMM, apresentou o eixo comum da luta de combate da violência contra as mulheres. A Assembléia foi moderada por Helena Wong, de GGJ, e Oskar Simon, da Intersindical Alternativa da Catalunha, com o apoio de Mimoun Rahmani, do CADTM e Shams Abdi da MMM.

Infelizmente a programação da Assembléia foi bruscamente interrompida por algumas e alguns delegados de origem marroquina. Eles invadiram a tribuna e tentaram de forma violenta impedir a última parte da leitura da proposta de declaração, onde afirmamos que “defendemos o direito dos povos à sua autodeterminação e à sua soberania como na Palestina, no Sahara Ocidental e no Curdistão”.

A abertura da palavra ao público estava prevista para depois da leitura, mas isso não foi possível por causa das ameaças verbais e físicas endereçadas às e aos animadores da Assembléia. Devido à dificuldade em continuar os debates, anunciamos o fim da assembléia depois de terminar a leitura da declaração.



Helena (GGJ), Oskar (IAC) e Shams (MMM) animaram a assembléia ...



... que contou com grande presença de ativistas de países do mundo árabe.

Para o futuro, fica a tarefa de avançar na construção de um calendário comum de ação e de um seminário entre os diferentes movimentos sociais, com mais tempo e preparação.

Clique para [ler a declaração completa da assembléia](#) e o [informe](#) do grupo de facilitadores sobre os atos acontecidos durante a AMS.



Nosso luto e condolências

Nossa amiga, irmã e companheira Miriam Nobre, coordenadora do Secretariado Internacional, acaba de perder a sua filha, Helena, de maneira trágica. Nós da MMM estamos em solidariedade com ela nestes momentos difíceis. Seguiremos avançando em nosso trabalho para construir um mundo mais justo, com a força, a beleza e a doçura da Helena no pensamento. Toda nossa ternura feminista com Miriam!

Comitê Internacional da MMM

O **Boletim de Enlace** é editado pelo Secretariado Internacional (SI) da Marcha Mundial das Mulheres, distribuído por email. **Contato:** Rua Ministro Costa e Silva, 36 • Pinheiros, São Paulo, SP • Brasil • 05417-080 Tel: +55 11 3032-3243 • Fax: +55 11 3032-3239 • E-mail: info@marchemondiale.org • Site web: <http://www.marchamundialdelasmujeres.org>

Colaborações nesta edição: Ceregatti, Judite Fernandes, Miriam Nobre, Sandra Morán, Yildiz Temurturkan

Tradução e revisão: Julia Climaco e Universina D'Elia Branco Coutinho **Fotos:** Acervo SI y SOF, Sevda Karaca, Elif Akgül

Para **receber** este boletim, enviar um email a info@marchemondiale.org com “Inscrição no boletim” no campo assunto. Para **cancelar** sua inscrição, enviar um email a info@marchemondiale.org com “Desinscrição do boletim” no campo assunto.